



CHERMONT, Lucia. *Memória e experiência de judeus de Higienópolis e arredores: São Paulo (1960-1970)*. São Paulo: Annablume, 2018. 187p.

O bairro Higienópolis: vila, cidade, mundo

Heloisa Pait*

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) | São Paulo, Brasil
hpait@marilia.unesp.br

A vila onde nasci

Quando passei a morar no bairro de Higienópolis, no mesmo apartamento onde vivi a primeira infância, tive a sensação ambígua daqueles que voltam: um misto de conforto e derrota, logo superados pela necessidade de conhecer, mais que reconhecer, um bairro que não me era familiar, e de descobrir sua vida intensa e urbana. Passei a ser reconhecida nas ruas por colegas de minha mãe, professora do Instituto Mackenzie, ou pelos funcionários do comércio da rua. Fiz parte de um *Bloomsbury group* local que se reunia aos domingos para deglutir pizzas caras. Na calçada, depois de me ver conversando com um patrício, meu vizinho rabino perguntava-lhe sobre mim: “É ídiche?” Fiz excursões com minhas sobrinhas, mostrando prédios onde amigos de infância ou gente famosa morava. Falei com meu irmão sobre os lugares que haviam ficado na memória, como o relojoeiro Messias da Albuquerque Lins, a rotisseria Via Veneto que vendia capeletti em bandejas de papel e o supermercado Madrid, relatando o que havia sumido ou permanecido.

Higienópolis era um bairro de São Paulo. Não era apenas um lugar com prédios de moradia, era um local onde teias de memórias e relações se sobrepunham, e eu me inseria nelas de mente e corpo. Publiquei um artigo sobre tais memórias, que se imbricavam com as memórias do período ditatorial no Brasil, onde o que mais me espantava era a proximidade dos grandes eventos do período – a guerra da Maria Antônia, a explosão de um carro de guerrilheiros, as redes de colaboração dos opositores do regime – daquele bairro que era meu e voltava a sê-lo. Higienópolis era inesperadamente perto.

Nos anos 1980, depois que nos mudamos dali, parecia mais longe. O centro de nossa vida havia se deslocado para Oeste, e o bairro tinha se tornado, em nossa percepção, um Novo Bom Retiro, coberto com a mesma condescendência amorosa que os antigos bairros judeus recebem de seus antigos moradores, seja o Lower East Side de Nova York ou o Bom Fim dos queridos Moacyr Scliar e Marcos Faerman. Mas o

* Professora na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e colaboradora do Estado da Arte, blog cultural do jornal *O Estado de S. Paulo*.



bairro vivia. Minha mãe fazia caminhos insólitos de carro por São Paulo e meu irmão explicava: “A mãe tem que primeiro ir pro Mackenzie e de lá ela decide que caminho vai fazer.” Um dia encontrei meu pai no Itaú da Angélica e tivemos uma alegria intensa em nos encontrarmos lá, por acaso, como se não apenas nós dois tivéssemos nos visto, mas também um pai mais jovem e uma filha mais amorosa. O bairro era, em tantos sentidos da palavra, central.

Esse bairro e seus significados são explorados por Lucia Chermont em *Memória e experiência de judeus de Higienópolis e arredores: São Paulo (1960-1970)*. O livro é resultado da tese de mestrado em História Social pela PUC-SP e também de seu trabalho no Arquivo Histórico Judaico Brasileiro. Em longas entrevistas com moradores judeus do bairro paulistano, com experiências diversas de vida, Chermont toca num ponto nevrálgico de nossa história e memória, o que nos possibilita enxergar o sucesso de nossa cidade como projeto humano e acolhedor, e também suas limitações.

O bairro examinado no livro tem origem nobre: terrenos bem situados picotados em lotes para casas grandes e ajardinadas onde a elite do café pudesse morar bem. Mas logo o sucesso deste mesmo café impulsiona o comércio, a vida urbana intensa e o adensamento populacional. E chegam os prédios, que Chermont descobre serem vistos como “arquitetura de judeu”, num dos deliciosos momentos do texto. É que alguns patrícios incorporavam prédios, financiando de modo cooperativo as construções. Quem anda pelo bairro sabe que outros desenhavam os edifícios, alguns com primor, o que passa a dar ao bairro esse ar chique e moderno que ainda hoje guarda.

Nesse sentido urbanístico, Higienópolis é um elo entre o passado agrário e as promessas dos anos 1950, é um bairro de transição entre dois Brasis distintos que hoje parecem, ambos, meio perdidos no mundo do agro e do pop. Mas Chermont além disso mostra, focando nas décadas de 1960 e 1970, os elos humanos que os habitantes do bairro, que o construíram e habitaram, têm entre si e com o resto do mundo. Entre os entrevistados há os que vêm do Egito, e cuja presença em São Paulo se deve a acontecimentos políticos a milhares de quilômetros dali; outros vieram da Alemanha, com sua cultura tão particular, erudita e cosmopolita; outros vindos ainda da Europa Oriental, todos aportando nessa pequena aldeia que é o bairro de Higienópolis, que dá guarida a todos esses modos de viver em cidades.

Chermont descobre nas entrevistas que para uns era a proximidade com parentes e amigos que atrai, e para outros as instituições culturais é que eram os ímãs do bairro. O modo como cada um chegou ao bairro, o vivencia e o rememora abre não apenas para uma pluralidade de significados, mas para uma pluralidade humana e urbana mais geral. Lendo o livro se tem a impressão de que a Segunda Guerra Mundial, a criação de Israel e o crescimento econômico de São Paulo aconteceram todos, de modo coordenados, para que aqueles judeus aportassem lá, perto de minha casa. E



de que aquelas quadras todas, umas do legítimo Higienópolis, outras que receberam o apelido pela proximidade, seriam a gota d'água na qual veríamos toda a história do mundo e particularmente a história dos judeus.

Um bairro paulistano

Apesar de sua proximidade com o centro, Higienópolis não se degrada nos anos 1970 e 1980, um período difícil para as cidades no mundo todo. O Minhocão, a via expressa construída em 1970 acima da Avenida São João, separou o “grande Higienópolis”, digamos, dos Campos Elísios, hoje parcialmente degradado, mas não chegou a ferir Higienópolis de morte.

Para cima, vamos até o Pacaembu, a casa de Guilherme de Almeida. Para baixo, descemos até a República, trajeto fácil de ir a pé e atualmente seguro. Para o Norte, vai-se ao Bom Retiro, mas o caminho hoje não é recomendado por conta de áreas tomadas por usuários de drogas, e para o Sul à casa do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, na sofisticada Rio de Janeiro, onde também morou o Rabino Henry Sobel. Mentalmente, para muitos o bairro se estende pela Vila Buarque e Santa Cecília. Relativamente adequado para os pedestres – tomei um tombo outro dia no Pacaembu que ainda me dói de pensar – o bairro todo é andável, ele é contínuo, ele forma uma unidade para dentro e se abre ao seu entorno.

É um bairro que convive com extremos da afluência e da pobreza, relativamente sem conflitos, sem grandes muros ou vigilância opressiva. Numa calçada você cumprimenta o ganhador do prêmio de arquitetura Pritzker e na outra você desvia das barracas montadas dos moradores de rua. Não é uma situação idílica, mas parece haver o respeito mútuo que permite uma convivência decente entre esses paulistanos todos. A única briga que vi em todos esses anos foi um exercício teatral que contrapunha um morador de rua agressivo com um cidadão de classe média prepotente: em Higienópolis, a intolerância é mais imaginação de mentes preconceituosas do que fato cotidiano.

Hoje, seu estilo urbano parece muito adequado a nossos desafios ambientais, de transporte e mesmo sociais, pois é realmente difícil se sentir sozinho no bairro, com cafés e restaurantes para todas as faixas de renda, e onde as pessoas ainda se visitam sem marcar hora. Além disso, há os serviços, os sapateiros, costureiras, alfaiates, lojas de consertos eletrônicos e várias feiras livres, o que favorece um modo de vida adequado aos tempos de hoje, com menos uso de carro e a possibilidade de manter em bom estado os produtos que compramos por muito tempo.

Ela já foi um pouco esvaziada, com muitos moradores indo morar mais ao Sul ou Oeste, seguindo o movimento de expansão mais geral da cidade, no período imediatamente posterior ao examinado por Chermont. Mas ele não foi completamente abandonado, em parte por causa de seus hospitais, faculdades e



institutos culturais, que mantiveram sua relevância nas últimas décadas. Mas em parte também porque seus habitantes não o abandonaram completamente. Havia nos anos 1980, e ainda podemos ver de vez em quando, aquelas “senhoras de Higienópolis” andando pelo bairro, vestindo saia e blusa, num estilo clássico remanescente dos anos 1940. Compreendemos essa persistência vendo o retrato que Chermont pinta do bairro, cheio de laços e significados, que mantiveram muitos habitantes conectados entre si e presentes no bairro, mesmo quando se abriam outras alternativas de moradia. Na cidade de Nova York, alguns bairros que sofreram fugas para os subúrbios ficaram realmente vazios e perigosos. O fato de meus pais terem se esforçado para manter o apartamento alugado, sem vender, é sinal da aposta de que o bairro seria sempre habitável.

O livro de Chermont oferece, portanto, uma lição preciosa de urbanismo para nossa cidade diversa culturalmente e desigual socialmente. Ele mostra o potencial de um bairro cujos habitantes valorizaram seus laços e histórias. Chermont conta a história da consolidação do bairro como bairro judaico e como bairro central de São Paulo de grande vitalidade. Um bairro que tem seus altos e baixos, mas que não se degrada, que não é abandonado. E essa história está nas pessoas, pois são elas que constroem o bairro, são elas que constroem os prédios, chamam os amigos num navio para o Brasil, delimitam suas fronteiras por sobre os distritos oficiais. Trazem suas instituições e vão dando conotações judaicas aos nomes de antigamente: Avenida Angélica, imortalizada no romance *Éramos Seis*, Dona Veridiana, os vários Doutores e Baronesas; ou ainda aos nomes novos dos estados brasileiros: Rua Maranhão, Rua Bahia, provavelmente do novo loteamento mencionado no livro.

O livro me inspirou duas perguntas. A primeira sobre os antigos proprietários que saíram do bairro e foram morar no Pacaembu. Eles o fizeram apenas devido à valorização dos terrenos e à possibilidade de morarem num bairro sem prédios, num momento de verticalização de Higienópolis, ou o influxo de judeus, por si só, foi um fator em sua decisão? São coisas difíceis de separar, mas penso que seria interessante para recuperar a história do bairro. A segunda pergunta é assemelhada, ainda que com sinal contrário. Ela é sobre um grupo que habita ou frequenta o bairro, que eu chamaria de filossemita, que vê como algo positivo a presença judaica, provavelmente por sua cultura. Quem são? Que laços têm com os judeus? Que imagem têm desse povo? Em que sentido a presença judaica no bairro, hoje, seria um fator de atração de um grupo de paulistanos com um certo perfil? Essas duas perguntas seriam interessantes para compreender melhor como o bairro se tornou hoje um exemplo de bairro elitista em certos círculos, ainda que tenha toda essa história arraigada em valores de classe média.

Chermont trata um pouco das desigualdades sociais internas da comunidade judaica, que olhando de fora, num país tão desigual como o nosso, são menores. Seria interessante examinar mais detidamente como os laços humanos constroem um



espaço judaico, tanto econômica quanto socialmente, a despeito ou até por causa de diferenças internas, como sugiro a seguir.

Higienópolis e o mundo

Além das perguntas acima, sobre os vizinhos deste Higienópolis judaico, o livro de Chermont abre as portas para investigações maiores do bairro, que levem em conta contextos mais amplos. Em primeiro lugar, a comparação com outros bairros similares, seja no Brasil ou em outros países das Américas, seria fascinante. O Flamengo e o Botafogo, no Rio de Janeiro, não mantiveram a vitalidade de Higienópolis, bairros também de transição do bairro judaico de imigrantes para o bairro afluente, no caso a Zona Sul. Já o Upper West Side foi extremamente bem-sucedido em reter parte da população judaica nova-iorquina na cidade, depois da fuga para os subúrbios. Como a situação de São Paulo se compararia a de Buenos Aires, ou Chicago, nesse aspecto?

Um outro enfoque possível para novas pesquisas seria o exame das teias sociais que constroem esse bairro, ou outros bairros paulistanos. Se é verdade que esses laços foram responsáveis em parte pelo sucesso do bairro, não seria o caso de examinar com mais profundidade, usando o instrumental da análise das redes sociais, a capacidade dos bairros de se articularem de modo cidadão e produtivo? Digo isso pois numa cidade tão desigual, talvez os recursos públicos sejam gastos de modo mais eficiente oferecendo condições para que essa capilaridade seja reforçada, e não apenas prestando serviços, sem dúvida necessários, que não agreguem densidade à rede social do bairro. Em outras palavras, nesse bairro urbano, porém arborizado, residencial, mas com rico comércio, não estaria uma chave de compreensão da sociabilidade urbana paulistana, em seus sucessos e desafios?

Na mesma toada, seria interessante usar a metodologia da economia espacial para compreender os movimentos de agregação e dispersão das comunidades judaicas pelas cidades, que valorizam certos bairros de modo sucessivo. Analisando custos de transporte e benefícios de localização física, a economia espacial explica movimentos e deslocamentos urbanos e espaciais em geral. Isso também seria importante no desenho de políticas públicas para a cidade como um todo: que instituições teriam maior impacto em outros bairros paulistanos? Seria melhor abrir uma nova escola perto de um bairro irregular, ou num bairro periférico pouco valorizado, que pudesse atrair novos moradores e investimentos? Trazer a questão espacial e urbanística para dentro da questão humana da vida urbana seria fascinante, ainda que desafiador, por sua capacidade de apreender e generalizar comportamentos.

Finalmente, ler o livro de Lucia Chermont foi um grande prazer, pois nos faz imergir num bairro que, se por um lado já conhecemos, por outro, nos é novo. Ficamos conhecendo as histórias de vida de brasileiros e estrangeiros que aqui vieram parar, mantendo suas identidades dentro de uma cidade às vezes anônima e impessoal como São Paulo. Do mesmo período, lembrei da novela *O grito*, de Jorge Andrade,



que se passava aqui perto, num prédio ao lado do novo Minhocão. Na novela, as vidas pareciam, à primeira vista, tristemente isoladas. Mas todos os personagens se conectavam com os demais, como os espectadores iam descobrindo ao longo da trama. Na novela real de Chermont, os personagens sabem, de antemão, que seu destino é comum, tanto judeus, quanto brasileiros e paulistanos. E assim é que vão vivendo, sem precisar de redenção.

Recebido em: 03/02/2020.

Aprovado em: 13/03/2020.